

A dialética entre divisão e união em *A Batalha de Armínio*: uma alegoria da história e da questão nacional alemãs

Márcio José Coutinho¹

Em um período em que a Alemanha se vê subjogada, num ímpeto de patriotismo, o poeta alemão Heinrich Von Kleist escreve *A Batalha de Armínio*. Serve-lhe de ensejo o declínio gradual na carreira de Napoleão após 1808, visto como possibilidade para que os estados alemães se libertassem do jugo francês. Conforme Burns (1978: 629-630), em outubro de 1805, Napoleão derrota o exército austríaco e toma Viena, o que resulta na eliminação da Áustria do campo de guerra, pela aceitação de um tratado de paz que a priva de três milhões de súditos e a reduz à condição de potência de segunda ordem. Um ano mais tarde, derrota o exército da Prússia, governada por Frederico Guilherme III, toma Berlim e submete a maior parte do país ao governo de seus generais. A maioria dos estados alemães, à exceção da Áustria, é reunida na Confederação do Reno, sob a égide de Napoleão. Os estados da Liga Renana, da Saxônia e da Bavária, por sua vez, são aliados do imperador francês (HOHOFF, 1977: 102). Tais condições históricas provocam no poeta a irrupção do sentimento de valorização da pátria, do desejo de liberdade e justiça, e do ódio ao opressor. Nesses termos, a obra em questão pode ser considerada uma alegoria da desejada libertação da Alemanha do jugo de Napoleão.

A Batalha de Armínio é um drama marcado por um conjunto de motivos que apontam para os sentidos de divisão e união. Esses aspectos constituem uma dialética que direciona o andamento da ação: sua síntese é a vitória e a liberdade da pátria. O objetivo deste trabalho consiste em analisar e interpretar a referida dialética e seus fins alegóricos. Para tanto, parte-se do pressuposto de Octávio Ianni (1998: 14-15) segundo o qual a literatura nasce e desenvolve-se em sua preocupação com a questão nacional, desafiada, influenciada ou fascinada por ela, colaborando "na elaboração do mapa da nação, ajudando a estabelecer o território e a fronteira, a história e a tradição, a língua e os dialetos, a religião e as seitas, os símbolos e as façanhas, os santos e os heróis, os monumentos e as ruínas". Com base nas discussões travadas por Goethe e Schiller, Anatol Rosenfeld (1986: 31-32) chama a atenção para o fato de que "os gêneros e a pureza estilística com que se apresentam devem ser relacionados com a história e as transformações daí decorrentes". O autor complementa essa idéia com as palavras de Georg Lukács: 'as formas dos gêneros não são arbitrarias. Emanam ao contrário, em cada caso, da determinação concreta do respectivo estado social e histórico. Seu caráter e peculiaridade são determinados pela maior ou menor capacidade de exprimir os dados essenciais de dada fase histórica' (ROSENFELD, 1986: 32). A obra em estudo apresenta um cunho épico ao evocar um momento heróico da história germânica: o levante de 9 d. C., no qual Armínio, príncipe dos queruscos, derrota o general romano Quintilius Varus na floresta de Teutoburg, de modo que numa série de campanhas com as quais Augusto visava a expandir as fronteiras do Império Romano até os rios Elba e Danúbio, os romanos vêem-se obrigados a recuar até a fronteira do Reno (BUNSE, 1983: 31-32).

Kleist apresenta uma situação em que as tribos germânicas precisam abandonar suas disputas e unir-se para lutar contra um inimigo comum, sintetizada pela metáfora dos carneiros que brigam enquanto o lobo invade o aprisco:

Wolf indem er sich erhebt

Da hast du Recht! Es bricht der Wolf, o Deutschland,
In deine Hürde ein, und deine Hirten streiten
Um eine Handvoll Wolle sich (KLEIST, 1960: 609).²

Portanto, a referida dialética desenvolve-se em torno de três problemas: o bélico, o político e o moral; os quais são colocados nos seguintes termos: 1) enquanto Roma avança seu domínio sobre a Germânia, Armínio

¹ Estudante do Curso de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal de Santa Maria/ nível Mestrado. Orientação: Profa Dra Rosani Úrsula Ketzner Umbach.

² Wolf levantando-se / Tu tens razão! O lobo invade, o Alemanha, / O teu aprisco, e teus carneiros brigam / Por um punhado de lã.

Literatura e Autoritarismo

Cinema, Música e História

recua, pois conhece o poder militar de seu oponente e sabe que somente através da união pode vencê-lo; 2) o general romano, Quintilius Varus, tenta estabelecer acordos políticos em separado com cada um dos líderes germânicos, de modo a semear a discórdia entre eles e ter cada um como aliado; Armínio e Marbod, príncipes dos suevos estabelecem aliança para combater Varus; 3) ciente de que os acordos políticos firmados por Varus não serão cumpridos, Armínio não se compromete moralmente com o opressor da Germânia, de modo que seu trato com o chefe militar romano é apenas uma astúcia; outrossim, com Marbod, filho das mesma terra, o príncipe querusco trata de maneira séria e moralmente transparente, disposto a honrar sua palavra em nome de uma causa maior: a liberdade da pátria.

A dialética entre divisão e união é possível em **A Batalha de Armínio** graças ao princípio de fusão de elementos contrários que os românticos atribuem à arte. Segundo Todorov (1977: 190-191), "é a arte em particular que tem a honra de assimilar todos os contrários. [...] O artista parte da oposição dos contrários para chegar a sua fusão; é necessário reconhecer esses dois momentos". Nesses moldes, em busca de uma definição, o teórico toma de Schelling uma afirmação acerca da função da arte:

Do mesmo modo que nasce do sintetismo de uma contradição aparentemente irreduzível, a criação artística, pela confissão de todos os artistas e de todos aqueles que partilham de seu entusiasmo, tende para o sentimento de uma harmonia infinita, (III, p. 617). Qualquer criação artística se baseia no desdobramento infinito de atividades opostas, que encontra completamente suprimido em cada obra de arte (III, p. 626). O poder poético ... é capaz de pensar o contraditório e construir a sua síntese (III, p. 626) (TODOROV, 1977: 190-191).

No drama em questão, deve-se destacar a função de alguns elementos para a construção da dialética da separação e da aliança, consistindo esta em componente estético incorporado à estrutura orgânica da obra: a coroa, o punhal, a espada, o rio Weser, a carta. É uma disputa pela soberania sobre a Germânia que rivaliza o príncipe dos queruscos e o príncipe dos suevos. Aproveitando-se de tais circunstâncias, segundo presume Armínio, Varus oferece a Marbod a hegemonia sobre o território em troca de seu apoio para combater Armínio, fazendo a este último a mesma proposta. Entretanto, Armínio percebe nisso uma estratégia para enfraquecer o poder de resistência e reação germânico por meio do auto-anulamento. Esse anulamento baseia-se na tentativa de corrompimento e na subordinação, como se pode deprender da seguinte passagem:

Hermann. Ich weiß inzwischen, daß August sonst
Ihm mit der Herrschaft von Germanien geschmeichelt
Mir ist von guter Hand bekannt,
Daß Varus heimlich ihm mit Geld,
Und Waffen selbst, versehen, mich aus dem Feld zu schlagen.
Das Schicksal Deutschlands lehrt nur allzudeutlich mich,
Daß Augusts letzte Absicht sei,
Uns beide, mich wie ihn, zugrund zu richten.
Und wenn er, Marbod, wird vernichtet sein,
Der Suevenfürst, so fühl ich lebhaft,
Wird an Arminius die Reihe kommen (KLEIST, 1960: 630-631).³

Roma fundamenta seu projeto de conquista em pactos que lhe garantam a superioridade militar sobre os oponentes, buscando no aspecto político falhas através das quais os próprios dominados provoquem sua vulnerabilidade e tornem-se suscetíveis à dominação. O núcleo dramático da obra repousa na contradição que subjaz aos pactos firmados pelo general romano, visto não poder ser sensata a mútua cooperação entre um povo que deve resistir e aquele que o usurpa. Ao entender essa incoerência, Armínio pode reagir por meio da ação moral. Neste sentido, o herói afirma sua luta no apelo à virtude dos povos germânicos, contrapondo-

³ Armínio. Eu sei, entretentes, que Augusto, de resto,/ O bajula com o reinado da Germânia/ De fonte fidedigna me é conhecido/ Que, às escondidas, Varus o mune/ Com dinheiro, e mesmo armas, para me tirar da batalha./ Ensina-me com toda a nitidez o destino da Germânia/ Que o último propósito de Augusto é/ Destruir a ambos, tanto ele quanto eu/ E se ele, Marbod, for anulado, O príncipe dos suevos, assim o sinto intensamente,/ Será a vez de Armínio.

Literatura e Autoritarismo

Cinema, Música e História

a ao suposto vício, atribuído aos romanos, e ao qual estes últimos tentam induzi-los. Deste modo, Armínio decide-se a fazer uso do logro e de embustes contra Varus, pois mantém-se fiel à irmandade e à pátria.

A coroa, ou seja, o poder máximo sobre a região, é empregado pelos romanos como elemento de bajulação, corrupção e submissão. A promessa de Augusto de conferir ao príncipe dos suevos a soberania sobre os germanos em troca de seu auxílio denota a concepção do imperador romano a respeito dos então dominados, a qual se traduz em atitudes de descaso para com o que há de mais sério no que concerne ao outro; de zombaria para com os valores do outro; de quem considera o outro um brinquedo de seu poder. Nos olhos dos romanos, os germânicos não passam de caça à mercê do caçador: "Ein Tier, das, wo der Jäger es erschaut/ Just einen Pfeilschuß wert, mehr nicht,/ Und ausgeweidet und gepelzt dann wird!" (KLEIST, 1960: 641).⁴ Armínio sabe que nenhum monarca é soberano se sua autoridade lhe for concedida pelo dominador, por isso renuncia à coroa, pois sabe ser essa a condição de sua união com Marbod.

Essa renúncia indica o momento em que o herói vence seu orgulho. Suas relações com seus compatriotas pautam-se na sinceridade e na honra. Assim, envia a Marbod uma carta propondo a reconciliação; junto com o mensageiro envia seus dois filhos, Rinold e Adelhart, bem como um punhal:

Hermann. Die Knaben schick ich ihm zuvörderst und den Dolch
Damit dem Brief er Glauben schenke.
Wenn irgend in dem Brief ein Arges ist enthalten,
soll er den Dolch sofort ergreifen,
Und in der Knaben weiße Brüste drücken (KLEIST, 1960: 630).⁵

O punhal é em potencial um elemento de separação, devido às funções de cisão e dilaceramento. O protagonista calcula a possibilidade de Marbod não aceitar sua proposta e matar os dois jovens. Nesse caso, ao penetrar a carne dos rapazes, o punhal realizaria sua qualidade de instrumento de morte e tanto manteria apartados os dois líderes quanto privaria o querusco de seus herdeiros. Não obstante, o punhal gera a união entre os guerreiros pois o gesto de enviá-lo junto com os filhos do príncipe em sinal de sacrifício carrega-se de um significado de confiança que o outro aceita e decodifica como uma convenção praticada entre seus pares. Esse gesto é indício da dignidade e legitimidade das intenções do chefe de Teutoburg. **A Batalha de Armínio** pauta-se em princípios que Aristóteles estabelece na Poética (Cap. VI, 1449 b, ◆ 27) para a tragédia, a saber, o fato de ser *mimesis* de ações de caráter elevado e de provocar a *catarsis*. No primeiro caso, a essência da tragédia é ser *mimesis* de uma *práxis*, ou seja, é a representação de um agir moral. Deste modo, os conflitos representados devem ser válidos para a vida do homem, exigindo do herói o caráter de exemplaridade. A realidade ficcional, ao ser composta conforme a *práxis* moral exige que se aceite e se aja de acordo com os conceitos de necessidade e de verossimilhança: o primeiro refere-se à visão acerca das leis da natureza e da realidade social, bem como à conformidade a regras, convenções, mandamentos, formas de tratamento e comportamento; o segundo circunscreve a possibilidade de ação nos limites de uma lógica segundo princípios que devem valer para a vida dos seres morais e políticos. Os heróis da tragédia devem ter a força de ser modelar, representando em suas ações uma realidade mais profunda, mais densa e mais universal do que seria a realidade empírica e o acontecimento particular. Neste sentido, o herói encarna aquilo que Georg Lukács denomina tipicismo, isto é, o pressuposto de que o complexo das ações transcende os limites do individualmente válido, sendo típico para uma determinada situação social de uma determinada época. No segundo caso, a purificação de emoções operada pelo efeito de *catarsis* está ligada ao fato de que o conflito encenado aponta para algo que poderia se relacionar com a vida do espectador, na medida em que é um conflito derivado da *práxis* humana. A grandeza da ação de defender a Germânia exige a exemplaridade do herói. Armínio mostra-se exemplar ao reconhecer suas limitações frente ao invasor e buscar administrá-las; ao mobilizar e harmonizar os compatriotas; ao não respeitar os acordos propostos pelo opressor, por entender o que eles mantêm de incompatível com os interesses da pátria. Assim, se por um lado o rompimento

⁴ Um animal, que onde o caçador lhe espreita/ Vale apenas uma flechada, não mais,/ Para então serem tiradas as entranhas e o pêlo.

⁵ Armínio. Os rapazes envio primeiro para ele e o punhal/ Para que à carta ele preste credibilidade./ Se na carta algo ruim estiver contido/ Que ele pegue imediatamente o punhal/ E crave nos peitos brancos dos rapazes.

Literatura e Autoritarismo

Cinema, Música e História

com o opressor pode ser considerado como traição, por outro, é justificado pela fidelidade à pátria. Isso pode ser inferido a partir da resposta dada por Armínio ao chefe romano, Septimus, quando este lhe fala sobre a questão do direito:

Du weißt was Recht ist, du verfluchter Bube,
Und kommst nach Deutschland, unbeleidigt,
Um uns zu unterdrücken? (KLEIST, 1960: 681).⁶

A moral permite a Armínio *trair* Varus em nome da justiça e da defesa de sua terra e de seu povo. Então, ele planeja a batalha contra o inimigo:

Hermann. Der Plan ist einfach und begreift sich leicht. -
Varus kommt, in der Nacht, der düsteren Alraunen,
In Teutoburger Wald an,
Der zwischen mir liegt und der Weserstrom.
Er denkt am folgendem, dem Tag der letzten Nornen
Des Stroms Gestade völlig zu erreichen,
Um an dem Idus des Augusts,
Mit seinem Heer darüberhin zu gehen.
Nun aber überschiffst, am Tag schon der Alraunen,
Marbod der Weserstrom und rückt
Ihm bis zum Wald von Teutoburg entgegen.
Am gleichen Tag brech ich, dem Heer des Varus folgend,
Aus meinem Lager auf, und rücke
Von hinten ihm zu dieser Wald nach. [...]
Denn nun fällt Marbod ihn von vorn,
Von hinten ich ihn grimmig an,
Erdrückt wird er von unser Doppelmacht (KLEIST, 1960: 681).⁷

Essa passagem pode ser sintetizada pela imagem da tropa de Varus sendo encurralada na floresta de Teutoburg pelos exércitos de Marbod e Armínio. A floresta possui o duplo sentido de ser abrigo para os donos da terra e local de punição para os invasores. É para lá que o protagonista conduziu os companheiros a fim de evitar o confronto com os romanos por ter percebido que não tinham condições de combatê-los. Mas também é lá que os germanos vão cercar os aliados de Varus. O Weser, por sua vez, estabelece inicialmente a fronteira entre suevos e queruscos e constitui-se no correspondente geográfico da rivalidade entre os dois líderes. Agora, contudo, serve de canal para que Marbod vá ao encontro de Armínio, de modo que, da síntese de suas forças resultem a liberdade e a justiça. Mais do que um personagem submetido ao destino, Armínio pode ser um herói inserido na história. Ele não está à mercê dos acontecimentos, antes, por meio de sua ação, procura mudar o curso destes, tornando-se agente de transformação da realidade que integra. Com essa concepção, Kleist parece adiantar o pressuposto de Marx segundo o qual "a ação do homem é a força motriz da história", conforme pode ser percebido a partir da seguinte passagem:

Hermann. Verriet euch, ja; was soll ich mit dir streiten?
Wir sind verknüpft, Marbod und ich,
Und werden, wenn der Morgen tagt,
Den Varus, hier im Walde, überfallen. Septimus. Die Götter werden ihre Söhne schützen!
Hier ist mein Schwert!

⁶ Tu sabes o que é direito, tu garotinho maldito, / E, sem ter sido afrontado, vens para a Alemanha/ Para nos oprimir.

⁷ Armínio. O plano é simples e facilmente se entende -/ Varus chega, na noite, dos tenebrosos anões,/ À floresta de Teutoburg,/ Que entre mim e a corrente do Weser se situa./ Tenciona, nos próximos dias, dias das últimas orquídeas/ Do rio as margens alcançar/ Para, em meados de agosto,/ Com o seu exército, ir além./ Mas agora, nos dias dos anões/ Marbod atravessa a corrente do Weser/ E o enfrenta até a floresta de Teutoburg/ No mesmo dia, eu parto, seguindo a tropa de Varus,/ Do meu lugar, e o cerco/ Pelos flancos até a floresta./ Então Marbod o ataca pela frente/ De trás, eu o ataco carrancudo/ E por nosso duplo poder ele é esmagado!

Literatura e Autoritarismo

Cinema, Música e História

Hermann indem er das Schwert wieder weggibt
Führt ihn hinweg,
Und laßt sein Blut, das erste gleich
Des Vaterlands dürren Boden trinken! (KLEIST, 1960 :680-681).⁸

O apelo aos deuses no drama em estudo serve mais como contraponto cultural, marcando a oposição entre germanos e romanos, enquanto objeto de culto de cada povo, ligado à tradição nacional, do que como crença em entidades que regem o universo e o destino dos homens. Independentemente dos deuses, os personagens agem. Na passagem anterior, Septimus evoca a proteção dos deuses. Porém Armínio toma-lhe a espada: não por força e interferência de Wotan, mas por sua própria força e habilidade. Os deuses são parte do patrimônio simbólico que garante a identidade da nação. Ao derrubarem o carvalho consagrado a Wotan, os romanos tentam minar as bases em que se assentam a origem e a tradição dos germanos e em que se solidifica sua coesão social. Tal ato revela não uma vontade divina, mas uma ação humana ideologicamente carregada, cujo objetivo é desestabilizar os pilares de uma formação social a fim de que a dominação possa ser imposta.

No drama em estudo, a espada apresenta-se como elemento funcional na dialética entre separação e união em uma das cenas subseqüentes à ocasião em que a filha do ferreiro alemão Teuthold é morta por obra de um soldado romano. Conforme proposto por Armínio, o corpo da jovem deve ser dividido em quinze partes, as quais são enviadas aos príncipes das quinze linhagens germânicas como mostra da barbárie praticada pelos romanos, como sinal de protesto e como chamado para a reação, conforme se pode verificar com base na seguinte passagem:

Hermann. Das hör jetzt, und erwidre nichts. -
Brich, Rabenvater, auf, und trage, mit den Vettern,
Die Jungfrau, die geschändete,
In einem Winkel deines Hauses hin!
Wir zählen funfzehn Stämme der Germanier;
In funfzehn Stücke, mit des Schwertes Schärfe,
Teil ihren Leib, und schick mit funfzehn Boten,
Ich will dir funfzehn Pferde dazu geben,
Den funfzehn Stämme ihn Germanien zu.
Der wird in Deutschland, dir zu Rache,
Bis auf die toten Elemente werben:
Der Sturmwind wird, Die Waldungen durchsausend,
Empörung! rufen, und die See,
Des Landes Ribben Schlagend, Freiheit! brüllen (KLEIST, 1960: 680-681).⁹

Enquanto instrumento cortante, a espada é utilizada para esquartejar o corpo. Essa separação em partes é a condição através da qual o chamado de Armínio e os significados da causa pela qual luta podem alcançar e promover a união de toda a Germânia. Além disso, deve-se considerar que o nome do ferreiro, Teuthold, é formado pela justaposição dos radicais *teut* e *hold*, que significam *germânico* e *detentor, mantenedor, defensor* e *preservador*, de modo que o referido corpo sintetiza os traços, a qualidade e o caráter de germanidade, afirmando a identidade dos povos de origem germânica e promovendo, portanto, a coesão entre eles.

⁸ Armínio. Traí vocês sim; devo discutir contigo?/ Nós estamos unidos, Marbod e eu/ E iremos abater Varus/ Aqui na floresta/ Quando raiar a manhã./ Septimus. Os deuses irão proteger os seus filhos/ Aqui está a minha espada!/ Armínio. desfazendo-se novamente da espada/ Levem-no daqui/ E deixem da pátria o sedento solo/ Beber o seu sangue, o primeiro jorro.

⁹ Armínio. Ouve isso agora e não repliques. -/ Parte, pai desnaturado, e leva, com os do teu sangue/ A moça, que fora violada,/ A um canto de tua casa!/ Nós somamos dos germânicos quinze troncos;/ Divide o seu corpo, e manda com quinze mensageiros,/ Quero dar-te para isso quinze cavalos/ Para alcançares da Germânia as quinze tribos./ Será na Alemanha, para tua desforra, / Pelo morto elemento propagado:/ Gritará o tempestuoso vento, que através dos matos zune,/ Revolta! e rugirá o mar,/ Que as encostas da terra bate, Liberdade!

Literatura e Autoritarismo

Cinema, Música e História

A carta e o bilhete são elementos através dos quais tanto Armínio obtém a adesão de Marbod e dos outros líderes germânicos como anuncia seu rompimento com Varus. A reiteração do motivo da mensagem enviada remete a uma problemática central para a construção de **A Batalha de Armínio**: a relação entre os homens. Esse motivo aponta para o caráter de resistência do drama em estudo, pois, na esteira de Alfredo Bosi (2002: 120), a resistência dá-se na obra de arte pela representação dos valores: "O valor é o objeto da intencionalidade da vontade [dos homens], é a força propulsora das suas ações. O valor está no fim da ação, como seu objetivo; e está no começo dela enquanto é sua motivação." São valores que motivam a ação de Armínio, conforme se pode verificar a partir das palavras de Arista, príncipe germânico aliado de Varus, ao alcançar a este uma carta do príncipe dos queruscos:

Aristan [...] *Er gibt ihm einen Zettel*

Er spricht von Freiheir, Vaterland und Rache;
Ruft uns - ich bitte dich! der giftge Meuter, auf,
Uns mutig seinen Scharen anzuschließen,
Die Stunde hätte deinem Heere geschlagen,
Und droht, jedwedes Haupt, das er in Waffen
Erschaun wird die Sache Roms verfechtend,
Mit einem Beil, vom Rumpf herab, zum Kuß
Auf der Germania heikgem Grund zu nötgen!

Varus *nachdem er gelesen*

Was sagten die germanschem Herrn dazu?

Aristan. Was sie dazu gesagt? Die gleißnerischen Gauner!

Sie fallen alle von dir ab! (KLEIST, 1960: 680-681).¹⁰

Os valores vinculam e comprometem o herói com a realidade que o circunda através da criação de laços éticos, afetivos e identitários. Fundamentado na idéia de liberdade, de pátria e de vingança, Armínio resiste aos antivalores: a dominação e a violação. Varus perece por representar os antivalores, que se traduzem no medo e na vergonha que acometem o personagem ao reconhecer que, unidos, os exércitos dos germanos encontram-se em uma situação militar superior à do seu. A vergonha e o medo correspondem a momentos de reconhecimento em que o general romano vacila, percebendo que os feitos a que se propunha carecem de legitimidade e dignidade, que são antes contestáveis, como se pode perceber através das seguintes passagens:

Varus. O Priester Zeus', hast du den Raben auch,

Der Sieg mir zu verkündigen schien, verstanden?

Hier war ein Rabe, der mir prophezeit,

Und seine heisre Stimme sprach: das Grab! (KLEIST, 1960: 675).¹¹

Varus. Da sinkt die große Herrschaft von Rom

Vor eines Wilden Witz zusammen,

Und kommt, die Wahrheit zu gestehen,

Mir wie ein dummer Streich der Knaben vor! [...]

Da naht der Derwisch mir, Armin, der Fürst der Uren,

Der diese Sprüche mich gelehrt. -

Der Rhein, wollt ich, wär zwischen mir und ihm!

Ich warf, von Scham erfüllt, dort in dem Schilf des Moors,

Mich in des eignen Schwertes Spitze schon;

Doch meine Ribbe, ihm verbunden,

¹⁰ Aristan [...] alcançou a ele um bilhete/ Ele fala de liberdade, pátria e vingança/ Convoca-nos - por favor! O malévolo amotinado/ Para nos juntarmos corajosamente ao seu grupo/ A hora teria chegado para o teu exército/ E ameaça, ao aparecer, armas em punho,/ De cada um que defender a questão de Roma/ a cabeça, com a machadinha, do torso arrancar/ para forçá-lo a beijar da Germânia o sagrado chão!/ Varus, após ter lido/ O que disseram disso os chefes germânicos?/ Aristan. O que eles disseram sobre isso? Os brilhantes patifes,/ Eles romperam contigo!

¹¹ Oh, sacerdote Zeus, entendeste tu também aquele corvo,/ Que parecia me anunciar a vitória?/ Aqui havia um corvo, que me profetizou/ E disse sua voz rouca: o túmulo!

Literatura e Autoritarismo

Cinema, Música e História

Beschirmte mich; mein Schwert zerbrach,
Und nun bin ich dem seinen aufgespart. -
Fänd ich ein Pferd nur, das mich rettete! (KLEIST, 1960: 691).¹²

O medo está ligado à idéia da morte, simbolizada pelo corvo. Assim como no poema **The raven**, de Edgar Allan Poe, o corvo representa o tormento da morte e da perda, em A Batalha de Armínio, afigura-se como símbolo profético, anunciando a morte do personagem. Varus vacila, pois aceita o temor à morte como punição pelo erro intrínseco a suas ações. A vergonha apresenta-se de modo tal que a iminente derrota de Varus é também a queda da hegemonia de Roma. Além disso, é sinal da consciência que pesa. O general romano se lança sobre a própria espada; esta parte-se, deixando-o vivo. Ao quebrar-se, a espada do personagem aponta para o sentido de divisão, na medida em que 1) atesta que a ruína de seu pleito se completa, pois ela é símbolo de poder e instrumento de conquista; e 2) mostra o abandono em que ele se encontra devido à separação da maioria de seus aliados. Resta-lhe então encontrar-se com Armínio, momento em que prevalece a superioridade

daqueles cujos valores são autênticos.

A partir da análise da tragédia do poeta romântico, pode-se concluir que o sentido de seus elementos estéticos e composicionais, inerentes à dialética da divisão e da união, elaborada em termos de questões bélica, política e moral, revela o impulso nacionalista e patriótico da qual resulta: o desejo de liberdade da pátria. Assim a referida obra está ligada a um contexto de opressão, representado pela invasão de Napoleão, e é dotada de uma concepção histórica expressa pela retomada e ficcionalização de um acontecimento significativo da origem, formação e identidade nacional alemã. **A Batalha de Armínio** alegoriza, portanto, a situação histórica imposta aos estados alemães pelo imperialismo napoleônico.

BIBLIOGRAFIA:

ARISTÓTELES. **Poética**.

BENJAMIN, Walter. **Origem do drama barroco alemão**. Trad. Sérgio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1984.

_____. Sobre o Conceito de História. In: _____. **Magia e Técnica, Arte e Política**. 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 1986.

BUNSE, Heinrich Adam Wilhelm. **Iniciação à Filologia Germânica**. 1. ed. Porto Alegre: Ed. Universidade, UFRGS, 1983.

BURNS, Edward McNall. **História da Civilização Ocidental**. 22. ed. Porto Alegre: Globo, 1979. Vol. 2.

CARPEAUX, Otto Maria. **História da Literatura Ocidental**. Rio de Janeiro: O Cruzeiro, 1962. Vol. 4.

HOHOFF, Curt. **Heinrich von Kleist: 1777/1977**. Traducción: Felipe Boso. Bonn-Bad Godesberg: Inter Naciones, 1977.

IANNI, Octavio. Sociologia e Literatura. In: SEGATTO, José Antonio; Baldan, Ude. (Orgs.). **Sociedade e Literatura no Brasil**. São Paulo: UNESP, 1999.

KLEIST, Heinrich von. **A Batalha de Armínio**. In: **Sämtliche Werke**. Berlin: Deutsche Buch-Gemeinschaft, 1960.

ROSENFELD, Anatol. **O Teatro Épico**. São Paulo: Perspectiva, 1985.

TODOROV, Tzvetan. **Teorias do símbolo**. Trd. Maria de Santa Cruz. São Paulo: Martins Fontes, 1977.

¹² Varus. Aí arruína-se o grande domínio de Roma/ Diante da esperteza de um bárbaro,/ E me parece, para confessar a verdade/ Como uma travessura boba de meninos!/[...] E de mim se aproxima o monge mendigo/ Armínio, o príncipe dos antigos / Que me ensinou essa sentença. -/ O Reno, eu gostaria, estivesse entre eu e ele!/ De vergonha cheio, lancei-me, lá no junco do pântano,/ De minha própria espada sobre o fio/ Mas a minha arma, a ele aliada,/ Protegeu-me. Minha espada quebrou,/ E agora aqui estou, poupado para a dele. -/ Encontrasse eu um cavalo que me salvasse!